

César Francisco Raymundo



Deus

versus

Socialismo

Escravidão e Sacrifício
no Governo Moderno



revista cristã
última chamada

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

**www.
revistacrista
.org**

Deus versus Socialismo

Escravidão e Sacrifício
no Governo Moderno

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Deus versus Socialismo

*Escravidão e Sacrifício
no Governo Moderno*

Autor: César Francisco Raymundo

Paráfrase livre e criativa do livro:
*God versus Socialism - Slavery and Sacrifice
in Modern Government* de Joel McDurmon.

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem de Alexander Lesnitsky por Pixabay.com)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina
Janeiro de 2025

Índice

Sobre o autor	07
Apresentação	
Aviso importante!	08
Introdução	09
Um: Quem é o rei?	13
Dois: Fanny, Freddie e o Faraó	25
Três: A grande hipocrisia conservadora	31
Quatro: Cessai da salvação política	36
Cinco: As tábuas que caminhamos para nossa ruína	41
Seis: Sucesso social: Quem tem o programa?	50
Sete: Uma janela para a alma socialista	55
Conclusão: Uma batalha de fundamentos	60
Nota final para consultas	65
Obras importantes para pesquisa...	69

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo **Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo**, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a teoria da **Escatologia Concreta**, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro **Comentário Preterista sobre o Apocalipse**, além de ser autor do primeiro **Dicionário de Escatologia do Preterismo** e da primeira **Bíblia de Estudo Preterista Parcial** do Brasil.

Aviso importante!

Eu poderia ter escrito um e-book original sobre Socialismo e Comunismo, mas optei por realizar uma paráfrase livre e criativa do trabalho do teólogo Joel McDurmon, adaptando-o à realidade brasileira sempre que possível. O objetivo é oferecer ao leitor um conteúdo de qualidade, que, infelizmente, ainda não está disponível em português.

A escolha pela paráfrase se deu pela alta demanda de produção de e-books que tenho atualmente, e, com o auxílio das ferramentas de Inteligência Artificial, a tradução e reescrita do conteúdo se tornaram processos mais ágeis. Li atentamente o texto de McDurmon, fiz as devidas adaptações e o reescrevi de forma fiel às suas ideias, mas com as devidas modificações necessárias.

Espero que os cristãos sinceros que tiverem a oportunidade de ler este trabalho utilizem os conceitos defendidos neste texto para colaborar na reconstrução do nosso querido e amado Brasil.

O autor.

Introdução

O Todo-Poderoso é o dono de tudo. Esta é a visão bíblica: "A terra é do Senhor, e tudo o que nela há, o mundo e os que nele vivem" (Salmo 24:1); Deus diz: "[T]odo animal da floresta é Meu, o gado dos mil montes. Conheço todas as aves dos montes, e tudo o que se move no campo é Meu. Se eu tivesse fome, não te diria, pois o mundo é Meu e tudo o que nele há" (Salmos 50:9-12). Deus criou o homem à Sua imagem. O homem reflete o caráter e a ordem de Deus. Assim como Deus é dono de tudo, Ele delegou a administração e a autoridade sobre a propriedade ao homem, Sua imagem (Gênesis 1:26-28), e, portanto, os seres humanos têm a capacidade e o chamado para agir como proprietários privados. Deus plantou um jardim especial, o Jardim do Éden, e colocou o homem nele para cultivá-lo e guardá-lo (Gênesis 2:8, 15). Quando Adão e Eva rebelaram-se contra a ordem divina, Deus os expulsou de dentro desses limites, colocando uma placa de "proibido entrar" na forma de um guardião angelical nas suas portas (Gênesis 3:23-24). Assim, Adão e Eva rapidamente aprenderam o que significava a propriedade privada.

Essa doutrina continuou como a forma de Deus organizar e prosperar a sociedade, como se vê no fato de que as leis fundamentais para a vida de Deus — os Dez Mandamentos — incluem a proibição do roubo (Êxodo 20:15). Nenhum homem

ou grupo de homens pode tomar a propriedade de outro homem — seja por ato individual, legislação, petição, conspiração ou apelo ao "bem comum" — desconsiderando a lei de Deus. O Antigo Testamento frequentemente se refere à alteração do marco de um vizinho (um limite de propriedade) para aumentar a sua própria propriedade (Deuteronômio 19:14; 27:17; Jó 24:2; Provérbios 22:28; 23:10; Oséias 5:10). Esses textos condenam tal ato como um ataque à herança e à posse (Deuteronômio 19:14).

A mesma doutrina é mantida no Novo Testamento. Na Igreja primitiva, em Atos 5, muitos cristãos venderam seus bens e os deram aos pobres entre eles, mas um casal vendeu uma terra e entregou apenas uma parte aos apóstolos, fingindo que haviam dado tudo. No entanto, mesmo para esses indivíduos de coração corrupto, Pedro defendeu a doutrina da propriedade privada: "Enquanto não vendida, não era sua? E depois de vendida, não estava sob seu controle?" (Atos 5:4). Deus os puniu não por não terem dado tudo, mas por mentirem sobre o que deram.

Outros apóstolos também defenderam a doutrina: Paulo pregou contra o roubo (Efésios 4:28), assim como Pedro (1ª Pedro 4:15) e Tiago (Tiago 5:4). Sem contar que Jesus também considerava o mandamento relevante (Mateus 19:18). O testemunho bíblico é claro: Deus acredita na propriedade privada, e Ele não apenas deseja, mas ordena que vivamos de acordo com essa regra. Sob esse sistema, nossos direitos e liberdades vêm de Deus, e ninguém pode tirá-los de nós. Quem tentar fazê-lo deve responder pela lei e, em última instância, por Deus.

O Socialismo

O socialismo é a crença de que a propriedade privada individual é uma ideia ruim. Portanto, é uma crença anti-cristã e anti-bíblica. Os socialistas acreditam que os governos devem possuir a maior parte ou toda a propriedade e distribuí-la conforme os especialistas, cientistas, políticos ou, ocasionalmente, os eleitores acharem adequado. Sob o socialismo, o Estado se coloca no lugar de Deus e diz: "A terra é do Estado, e tudo o que nela há, o mundo e os que nele habitam". Nessa visão, o indivíduo não tem proteção contra seu vizinho, caso este esteja na maioria ou se o Estado considerar seu vizinho necessitado de alguma forma; o Estado usa a força para tomar a propriedade do indivíduo e entregá-la a outra pessoa. Nesse sentido, o Estado muda os marcos da propriedade todos os dias. Aqui, o Estado determina nossos direitos e nos concede nossas liberdades; não há apelo além do Estado.

O socialismo, portanto, acredita que o roubo é aceitável, desde que outro homem ou grupo de homens o autorize. O socialismo acredita no roubo por voto majoritário, ou roubo através do voto da maioria dos representantes no Congresso. O socialismo é a crença de que o roubo à mão armada é aceitável, desde que seja feito por meio do intermédio da arma do governo. O socialismo coloca o homem e, em última instância, o Estado, no lugar de Deus. O homem passa a ser propriedade de outros homens, em vez de ser propriedade do seu Criador. O socialismo é uma crença totalmente humanista, que nega e usurpa Deus.

Conclusão

Entre essas duas crenças — propriedade privada e socialismo — existe um conflito fundamental. Elas representam visões contraditórias sobre soberania, o homem, a lei, a sociedade e a herança. São sistemas religiosos rivais. Ao escolher uma, você rejeita a outra — serviço e honra a Deus ou servidão aos outros homens. Ou Deus ordena e julga o homem, ou o homem ordena e julga o homem.

Os estudos a seguir ilustram essa guerra de visões de mundo nos âmbitos econômico e político, e argumentam a necessidade e a superioridade de escolher Deus em vez do falso deus do humanismo, o socialismo, em suas diversas formas.

Um

Quem é o rei?

Você deve responder corretamente a essa pergunta. A diferença entre o certo e o errado é o que separa desde o pecado e a salvação até a liberdade e a escravidão, e a tirania e a liberdade. Todos os problemas que ouvimos e lemos sobre a sociedade têm sua origem ou solução nessa questão.

Cristo tem todo o poder no céu e na terra (Mateus 28:18), subiu e se assentou à direita do Pai (Atos 2:33-36; Hebreus 1:3, 13), e reinará de Seu trono até que todos os Seus inimigos sejam derrotados (1 Coríntios 15:23-26; Hebreus 10:12-13). Ele é o “Rei dos Reis, Senhor dos Senhores” (Apocalipse 19:16) e o “Príncipe dos reis da terra” (não apenas um rei celestial, Apocalipse 1:5). Em Seu nome, toda língua confessará e todo joelho se dobrará, tanto nos céus quanto na terra, que Jesus Cristo é o Senhor (Filipenses 2:9-12). Nada escapa ao Seu controle e domínio, e Ele sustenta todas as coisas pela palavra do Seu poder (Hebreus 1:3). Não deveria haver dúvida para nenhum cristão de qualquer denominação: Cristo é o Rei — Rei agora, Rei para sempre, no céu e na terra.

Como cristãos fiéis, devemos então nos submeter à Sua palavra, ao Seu decreto. Devemos buscar trazer todas as áreas da vida sob Sua lei. Isso, obviamente, causa tensões quando os desejos e leis humanas entram em conflito com as de Cristo: os

cristãos devem escolher a quem servirão nessa situação. Isso não significa que nenhum outro rei tenha autoridade legítima: Deus coloca governantes terrenos como Seus ministros. Mas significa que nenhuma outra ordem legal tem autoridade legítima; quando um rei terreno usurpa as áreas da vida que Deus determinou para o indivíduo, a família ou a igreja, então esse governante se afastou de Sua vocação como ministro de Deus e negou a lei de Deus. Quando essas tensões surgem, os cristãos devem fazer todo o possível para permanecer fiéis a Cristo.

Se respondermos corretamente a essa pergunta, pelo menos nos posicionamos para colher os frutos da liberdade. Quando reconhecemos, nacionalmente, que existe um Rei que transcende a humanidade, diante de quem todos os homens, até mesmo nossos líderes, são criados iguais e a quem todos os homens devem se submeter e prestar contas, então despojamos as máquinas da tirania até seu esqueleto mais básico (não podemos erradicá-las permanentemente nesta era) e rebaixamos o potentado à mesma fragilidade de nossa própria condição. Nesse caso, Deus concede direitos ao homem, e podemos chamar o Estado à responsabilidade por suas transgressões e infrações.

Mas se falharmos na resposta e assumirmos, de alguma forma, que o Estado é o doador e juiz dos direitos — que alguns homens nascem para governar, que alguns homens merecem governar, que uma personalidade carismática, elevada ao status pela aclamação pública, deveria governar, ou que homens devem governar por causa de sua riqueza, conexões, promessas, educação, etc. — então já negamos o reinado de Cristo e aceitamos o humanismo em uma de suas várias formas. Nesse cenário, declaramos que o homem não tem recurso final além dos mais elevados de seus pares — preparando o terreno para a

tiranía, e prestaremos contas, nacionalmente, aos desígnios de um ser humano falível.

Rejeitando Deus como Rei

o Senhor Deus Todo-Poderoso, por meio do profeta Samuel, advertiu e implorou à nação israelita para que não aceitasse um rei humano. Mas eles discutiram com Samuel: “Agora, nomeie um rei para que nos julgue, como todas as nações” (1 Samuel 8:3). Eles desejavam abandonar seu status de autogoverno sob Deus, que os distinguia entre as nações. Eles queriam agora ser “como todas as nações”. Deus disse a Samuel: “Eles não rejeitaram a você, mas a Mim, para que Eu não seja rei sobre eles” (1 Samuel 8:6).

Então, Deus os alertou sobre o que um rei terreno implicaria:

“Este será o procedimento do rei que reinará sobre vocês: ele tomará seus filhos e os colocará para si em seus carros de guerra e entre seus cavaleiros, e eles correrão diante de seus carros. E ele nomeará para si comandantes de milhares e de cinquenta, e alguns para lavrar sua terra, e colher sua colheita, e fazer suas armas de guerra e equipamentos para seus carros de guerra. Também tomará suas filhas para perfumistas, cozinheiras e padeiras. E tomará os melhores de seus campos, vinhedos e oliveirais, e os dará aos seus servos. E tomará um décimo de suas sementes e de seus vinhedos, e dará aos seus oficiais e a seus servos. Também tomará seus servos masculinos e femininos, seus melhores jovens e seus jumentos, e os usará para seu trabalho. Ele tomará um décimo de seus rebanhos, e vocês mesmos se tornarão seus servos. Então, vocês clamarão naquele dia por causa do rei que escolheram para vocês, mas o Senhor não os responderá naquele dia”.

- 1 Samuel 8:11-18

Essa profecia descreve o Estado que rejeita Deus com pelo menos seis características distintas:

1. Conscrição de filhos para o serviço militar;
2. Conscrição de jovens para o serviço obrigatório do Estado;
3. Essas conscrições incluirão jovens homens, mulheres e animais;
4. Expropriação de propriedades em terras e riquezas pelo Estado;
5. Tributação no nível de 10%;
6. Recusa de Deus em responder orações durante este julgamento.

Não é difícil identificar essas características na história de Israel após esse evento, mas o cristão também deve reconhecê-las como marcas de nossa suposta sociedade livre hoje. Em alguns casos, o “procedimento do rei” supera de longe a tirania de Israel (imposto de 10%!), ou até mesmo a tirania do Egito (20%, Gênesis 47:26). Considere algumas maneiras pelas quais nossa terra brasileira inclui características do Estado que rejeita a Deus:

Primeiro, a conscrição militar. O Brasil obriga nossos jovens ao serviço militar. Mesmo depois do alistamento obrigatório, planos de contingência permanecem para que o rei tenha seu nome em uma lista caso precise reinstaurar o alistamento. O não alistamento militar (sua obrigação legal) é punido. Em resumo, você não pode evitar legalmente a conscrição militar neste país se o rei desejar que você lute.

Segundo, a conscrição de trabalho ou serviço (que inclui os itens 2 e 3 acima) está em sério debate. Embora tal serviço obrigatório ainda não exista, alguns líderes e governantes têm planos para implementá-lo assim que possível. Muitos em suas ideologias enfatizam o desejo de que as pessoas se tornem

servos de seu governo. Eles querem construir um sonho de senhorio governamental.

Muitos querem um regime autoritário, no qual o Estado exerce controle absoluto sobre os indivíduos, incluindo o serviço militar obrigatório e a confisco de propriedades. Alguns chegam a dizer que o Estado deveria possuir os cidadãos da mesma maneira que o exército possui seus soldados, aumentando o orgulho e a lealdade nacional.

Esses psicopatas do poder também discutem como o Estado poderia confiscar propriedades com base em leis como a "domínio eminente", onde a terra é tomada para o "bem público". Uma desculpa desse confisco é a de grandes áreas de terra para preservação ambiental.

Esses mesmos ideólogos idólatras do Estado também criticam o sistema de impostos modernos de alguns países, comparando-os com a exigência bíblica do dízimo, argumentando que o Estado moderno deveria exigir ainda mais do que o Deus bíblico, colocando a sociedade sob um fardo financeiro maior.

Temos também em meio a essas ideologias o conceito de "Moloque", que representa o Estado totalitário. O autor destaca como a palavra "rei" no Antigo Testamento foi associada ao termo "Moloque", o qual simboliza um Estado tirânico que exige sacrifícios extremos, incluindo o sacrifício de crianças. Moloque, nesse contexto, é visto como o ídolo do Estado, onde o poder estatal se sobrepõe à autoridade Divina, e a total submissão é exigida do povo. Em termos de liberdade, esse tipo de sociedade seria uma tragédia, uma forma de julgamento

Divino sobre um Estado que rejeita Deus e se coloca no lugar d'Ele.

Apesar de um mandado claro do Deus Todo-Poderoso, a comunidade dos "fiéis" de Israel não conseguiu evitar agir "como todas as nações". Ela não estava imune a práticas bárbaras, com os reis de Judá, Acaz e Manassés, liderando o país na adoração pagã, até mesmo nos sacrifícios a Moloque (2 Reis 16:3; 21:6), enquanto o povo de Israel seguia essa prática (2 Reis 17:17). O sacrifício de crianças foi provavelmente trazido da Fenícia durante um período de sincretismo religioso e foi realizado por circunstâncias excepcionais, como os presságios de invasões e guerras, para buscar a bênção dos deuses pagãos em favor da salvação e vitória. O que importa aqui é o fato do sacrifício humano: antigos israelitas adotaram essa prática, imitando as culturas pagãs que negavam a Deus e promoviam o culto ao Estado.

Durante esse período de declínio social, o Vale de Hinom, nos arredores de Jerusalém, tornou-se um centro de culto, incluindo a construção de um forno para sacrifícios. Jeremias denunciou o julgamento sobre o forno que os filhos de Judá haviam erguido para "queimar seus filhos e filhas no fogo" (Jeremias 7:31-32). Foi necessária a reforma do rei Josias, contemporâneo de Jeremias, para destruir o santuário e impedir que qualquer pessoa fizesse seus filhos passarem pelo fogo de Moloque (2 Reis 23:10). Ou seja, foi preciso um retorno à palavra de Deus, a correção da doutrina de Deus, a correção da doutrina do rei e uma ação civil na sociedade para superar o sacrifício total exigido pela visão pagã da sociedade e do Estado.

Não cometa o erro de acreditar que esse sacrifício total só existiu entre povos antigos e primitivos ou tribos particularmente sanguinárias. A antiga Tiro, que fazia parte da Fenícia, era um povo que também praticava sacrifícios humanos. A colônia fenícia Cartago, apesar de sua riqueza proveniente do comércio internacional, também praticava extensivamente o sacrifício de crianças. Mesmo Roma, a grande civilizadora do mundo conhecido, sacrificava seres humanos para controlar seus deuses estatais. Apesar de Roma ter oficialmente proibido o sacrifício humano para o povo, o Estado o praticava amplamente. Temos a explicação de que, em Roma, onde a religião era mais real e havia reverência aos deuses maiores, o sacrifício humano era menos repulsivo para a população. Cada sacrifício exigido pelo Estado parecia insignificante diante da grandeza de Roma e da necessidade de proteção contra ameaças externas.

Em várias gerações entre a queda da República e o estabelecimento do Cristianismo, os imperadores romanos sacrificaram vítimas humanas, como no caso de Júlio César em 46 a.C., ou de Otaviano, que sacrificou 300 senadores e cavaleiros em Perugia. O império romano foi responsável por uma série de sacrifícios humanos, incluindo de crianças e prisioneiros. Essa prática foi amplamente aceita, mesmo em civilizações consideradas as mais desenvolvidas da época. Foi apenas com a ascensão do Cristianismo que esses sacrifícios foram praticamente extintos, embora ainda sobrevivessem em alguns pequenos grupos. O leitor deve perceber agora que até os Estados mais civilizados e bem-intencionados podem fazer quando se tornam árbitros absolutos da vida e da morte. O Estado onipotente, que substitui Deus, pode facilmente tirar

uma vida quando julgar necessário para seu próprio benefício ou para o "bem comum".

O sacrifício de crianças e seres humanos, em geral, só pode ocorrer onde um poder terrenal tem controle total, e (exceto pela possibilidade de sequestro, que não parece ser o caso aqui) quando os pais são manipulados a entregar seus filhos a um rei terrenal para alguma causa ímpia, chegando até mesmo ao ponto de um assassinato sem sentido, em caso de “emergência nacional” ou pelo “bem comum.”

O Sacrifício Humano Hoje

O que muitas vezes não é declarado ou notado é que o sacrifício humano continua ocorrendo abertamente hoje, apesar do avanço de todas as medidas de religião, ciência e razão. Na verdade, pode-se dizer que o massacre é frequentemente incentivado e promovido tanto pela ciência quanto pelo que é considerado ciência. Da mesma forma, o sacrifício humano na “sociedade aberta” é realizado pelas pessoas mais prósperas e autoproclamadamente racionais do mundo: a maior parte da Civilização Ocidental. Os massacres continuam sob duas formas principais: aborto e guerra desnecessária.

A prática do aborto, do ponto de vista pró-vida, é uma versão moderna do antigo culto a Moloque, onde bebês eram sacrificados, mas hoje isso ocorre por conveniência humana, dinheiro ou status social, em vez de motivos religiosos. No entanto, não se deve presumir que a diferença seja tão grande. Os pagãos antigos matavam bebês ritualisticamente como uma forma de apaziguar um deus falso que não existia. Hoje, isso é

feito para apaziguar um deus falso chamado homem, humanidade, sociedade, direitos das mulheres, escolha — esse demônio é múltiplo. Como resultado, nada mudou além do objeto de adoração: a sociedade trocou um deus falso e inexistente, Moloque, por um deus falso e existente, o homem.

O caso da guerra é igualmente controverso, mas igualmente claro. Sem intenção de fazer referência às guerras atuais (embora possa ser aplicável), deve ser óbvio que se uma guerra for travada injustamente, e os soldados morrerem nela por uma causa ímpia, então os perpetradores dessa guerra ofereceram sangue humano como um agente de mudança social, em vez de se basear em princípios Divinos. Isso é sacrifício humano, pura e simplesmente. Os cristãos não devem ter medo de se opor à guerra, de se opor de forma vigorosa, especialmente às guerras precipitadas. Como bem diz o livro de orações anglicano, na oração militar: "Sempre os poupe de serem enviados para uma guerra de agressão ou opressão".

Mesmo quando os Estados modernos não se envolvem diretamente em sacrifício sanguinário, eles ainda exigem sacrifício total — a oferta completa do que se tem às suas exigências. Quando o Estado exige seu serviço, o serviço de seus filhos, sua propriedade, sua riqueza, e interfere no cuidado médico e "final de vida" que você recebe, não há outro nome para isso senão sacrifício total.

Além disso, a maioria dos pais cristãos hoje em dia entrega seus filhos ao fogo da educação de Moloque; eles oferecem suas crianças ao forno do topete das escolas públicas, financiadas pelos impostos da propriedade e os múltiplos dízimos do Estado, que rejeita Deus. Esses braços do poder do Estado

ensinam — em todas as oportunidades, por horas a fio, de todos os ângulos — ideias que contradizem a Lei de Deus e apoiam o poder do Estado. Trata-se de um sacrifício infantil aos deuses do Estado, e uma rejeição do mandamento de Deus para que as famílias, e não o Estado, eduquem seus filhos nos caminhos de Deus (Deuteronômio 6:6–9; Efésios 6:4).

Neste ponto, os cristãos falharam, e os humanistas seculares (que acreditam que o Estado é a maior expressão e guardião do homem, e, portanto, um deus) aceitaram conscientemente as crianças cristãs como sacrifícios para avançar sua agenda social. Esse foi o plano deles desde o início. A educação acabou sendo uma aliada poderosíssima do Humanismo, e cada escola pública brasileira é uma escola de Humanismo. O que pode a escola dominical teísta, que se reúne uma hora por semana, ensinando apenas uma fração das crianças, fazer para conter a maré de um programa de ensino humanista de cinco dias?

As escolas são humanistas porque o sistema de socialismo, no qual o Estado impõe impostos sobre outras pessoas para pagar a educação dos filhos de outras, é humanista e deifica o Estado. O secular Moloque aumentou seu poder, e os cristãos alimentaram a besta!

Esse fracasso repete o triste e recorrente legado das pessoas de fé — um padrão que também vemos em 1 Samuel. O sacerdócio se corrompeu (1 Samuel 2:12–36), e uma geração surgiu sem a educação adequada nos caminhos de Deus. Mesmo os dois filhos de Samuel se afastaram dos caminhos de Deus, embora Samuel os tivesse nomeado para julgar Israel (1 Samuel 8:1–3). À medida que Samuel envelhecia, o povo percebeu seu declínio e começou a se preocupar com a liderança. Em vez de confiar na

palavra de Deus e confiar em Deus, pediram a Samuel para dar-lhes um rei "como todas as nações". Isso foi um fracasso da fé nacional, que levou à tirania nacional mencionada acima.

O ciclo se repete hoje. Os cristãos aceitaram as maneiras humanistas de fazer as coisas "como todas as nações". No debate sobre saúde, educação e economia, os cristãos sacrificaram suas vidas e as vidas de seus filhos em troca da proteção e segurança prometidas pelo Estado humanista. Se não retornarmos rapidamente aos caminhos de Deus, entraremos em um período em que Deus se recusará a ouvir nossas orações por um longo tempo.

Conclusão

Por que escrevo tanto sobre “política” ultimamente? A resposta vai muito além da simples ideia de que devemos aplicar a Palavra de Deus a todas as áreas da vida. A resposta inclui o fato de que, se não aplicarmos a Palavra de Deus a todas as esferas, as forças das trevas imporão sua visão nas áreas negligenciadas. Não há neutralidade. Ou Deus reina e Sua lei é respeitada, ou o inimigo governa e os humanistas impõem sua vontade nas leis, na política e na ética. A razão pela qual os cristãos devem se envolver na política — e em todas as outras áreas — começa com a resposta à pergunta: “Quem é o Rei?”.

A maioria, se não todos, dos problemas que enfrentamos na sociedade surgem da transgressão do Estado sobre a soberania de Cristo. Isso não significa que Cristo deixe de reinar nessas áreas, mas sim que o Estado interfere em domínios que Cristo não determinou para ele administrar. Como resultado, o Estado

se coloca no lugar de Deus nessas áreas. Essa é uma soberania falsa, que traz consigo o julgamento por idolatria e pela adoração de um falso deus. A sociedade avança para o julgamento que ela mesma constrói.

A mudança para uma cultura dominada pelo pecado ocorre de forma lenta, e os cristãos tendem a aceitar essa mudança, a menos que transformações súbitas atinjam questões evidentes. Assim, os cristãos se manifestam contra o aborto e o casamento homossexual. Porém, questões mais sutis vão se infiltrando: a Seguridade Social, a educação pública, a Saúde, o auxílio social, os impostos múltiplos, etc. Cada um desses programas viola os princípios bíblicos sobre a propriedade e a vida, e afeta tão profundamente a ideia bíblica de família quanto o casamento homossexual e o aborto, mas os cristãos os aceitam e até os aplaudem. O aplauso vem por diversas razões — benefícios aparentes, interesse próprio, os programas parecem morais, sustentáveis, e já foram estabelecidos por nossos pais e avós. O que se perde nesse processo é uma avaliação consistente e bíblica dos limites que Deus estabeleceu para a Família, a Igreja e o Estado.

Precisamos constantemente voltar às Escrituras e perguntar “Quem é o Rei” sobre essas áreas. Na medida em que os cristãos deixam o Estado usurpar os papéis dados por Deus à família e à Igreja, estamos aceitando a legitimidade de um falso deus. O fogo de Moleque continuará a consumir e crescer até que os cristãos percam a capacidade de se retirar. Retirem-se do interesse nas escolas e nos sistemas estatais de falsos profetas de Moloque enquanto ainda podem. Perguntem a si mesmos: “Quem é o Rei?” Muito depende de sua resposta.

Dois

Fanny, Freddie e o Faraó

Uma situação de crise econômica, onde há escassez de alimentos e o aumento dos preços afetando tanto a população local quanto internacional, leva ao desespero e à busca por ajuda do governo. A resposta de sempre é a criação de programas de transferência de riqueza e maior dependência do Estado. Esse cenário foi vivido durante a Grande Depressão nos Estados Unidos, no Egito, na época de José e o faraó. Sempre há um aumento do poder do governo como uma consequência das crises.

Em setembro de 2008, o governo dos EUA assumiu o controle das instituições de crédito “Fannie Mae” e “Freddie Mac”, empresas originalmente criadas com apoio do governo. Mesmo após essas entidades terem sido oficialmente privatizadas, elas nunca deixaram de estar sob a influência estatal, como se viu em 2008. A intervenção do governo foi justificada pelo argumento de que essas instituições eram "grandes demais para falir", o que implicava que, devido ao seu tamanho e impacto, não poderia haver consequências para suas falhas, e a população ficaria à mercê do auxílio estatal.

Essas empresas, como Fannie Mae e Freddie Mac, nunca foram verdadeiramente privadas, apesar da aparência de competição. Elas sempre estiveram sob o guarda-chuva do

governo, o que agora é evidente na nacionalização do financiamento habitacional. As consequências dessa intervenção estatal podem incluir uma maior concentração de propriedade nas mãos do governo.

Na história de quem viveu durante a Grande Depressão,¹ a pobreza e dificuldades da época não impediram a construção de um futuro melhor através do trabalho duro e aquisição de propriedades. Em contraste, o "sonho americano" atual está distorcido, com ênfase no consumo imediato e na dependência de crédito fácil, que levou à crise do mercado imobiliário.

A crise imobiliária moderna, com suas propriedades não terminadas e empréstimos inadimplentes, é atribuída à facilidade de crédito promovida por políticas governamentais e ao comportamento irresponsável. Essa situação é resultado de um sistema que favorece o consumo sem esforço e que, eventualmente, leva a sociedade a um colapso econômico.

De várias maneiras a crise aconteceu em 1929. A criação do Federal Reserve em 1913 permitiu a injeção maciça de crédito na economia, o que iniciou uma euforia financeira e um "boom insustentável", levando a crises globais. O economista austríaco Ludwig von Mises previu o que estava por vir. No início de 1929, ele recusou uma oferta de emprego de um banco prestigioso em Viena. Esse banco foi o primeiro a falir na Áustria devido à depressão, e a Alemanha, vizinha, sofreu a crise de maneira ainda mais intensa. As pessoas clamavam por ajuda

¹ A Grande Depressão nos EUA foi uma crise econômica severa, ocorrida de 1929 a 1939, marcada por falências em massa, desemprego elevado, queda da produção e escassez de recursos, afetando tanto a economia interna quanto a internacional.

do governo e por um salvador político. Um surgiu: Adolf Hitler. O povo o aplaudiu.

A ideia de "salvação governamental em tempos de crise" tem um precedente na história do Egito. José interpretou o sonho do Faraó sobre as sete vacas gordas e sete vacas magras como sete anos de fartura seguidos de sete anos de fome. Como o Faraó teve o mesmo sonho duas vezes (dois testemunhos), José considerou-o como uma confirmação Divina. Ele elaborou um plano para que Faraó armazenasse um quinto de todas as colheitas para os anos de escassez. E foi isso o que aconteceu. Quando a crise chegou, José vendeu o grão de volta ao povo, que o comprou. Quando o dinheiro acabou, José trocou o grão por gado, e depois por terras. Quando as terras foram todas tomadas pelo Estado, as pessoas ofereceram-se como escravas em troca do grão. No fim, a fome passou, mas o Estado controlava tudo. A lição é simples: em tempos de crise, quando o governo assume a responsabilidade pela provisão, o resultado final pode ser a perda de liberdade para o povo. Você pode ser alimentado hoje, mas isso virá ao custo da sua liberdade amanhã.

Ao fim da fome, com toda a propriedade e as pessoas sob controle de Faraó, José estabeleceu as novas regras sob esse Estado totalitário. Ele disse ao povo: "Eis que hoje comprei vocês e suas terras para Faraó. Agora, aqui está a semente para vocês, e poderão semear a terra. Na colheita, vocês deverão dar um quinto a Faraó, e os quatro quintos serão de vocês, para semear o campo, para a comida de suas famílias e para o sustento de seus filhos". O povo respondeu: "O senhor salvou nossas vidas! Que sua bondade nos favoreça, e seremos escravos de Faraó" (Gênesis 47:23–25). Mesmo após a fome, o novo sistema permaneceu. Direitos, propriedades e liberdades, uma

vez cedidos em face da crise, nunca mais são devolvidos. O Estado nunca desiste de seu poder voluntariamente. Como escreveu Benjamin Franklin: "Aqueles que abririam mão da liberdade essencial em troca de um pouco de segurança temporária não merecem nem liberdade nem segurança".

Então, o que isso tudo significa? A história do Egito nos mostra que, no fim, o resultado pode ser a escravidão. A ideia de que o Estado controla as pessoas pode parecer distante, mas será que é realmente impossível?

No contexto dos Estados Unidos, a escravidão é difícil de discutir devido à sua forte associação com o racismo na mentalidade popular, mas a escravidão não é necessariamente ligada à raça nem abolida de fato. Ela ainda existe de algumas formas: o sistema prisional, o alistamento militar e a dívida são todas formas de escravidão. Isso vale no Brasil também. Vale lembrar que foi o gasto governamental em tempos de guerra, incluindo o alistamento militar, que ajudou a tirar os Estados Unidos da Grande Depressão. O controle do mercado hipotecário e a necessidade de recursos para uma guerra permanente contra o terrorismo indicam um futuro sombrio para a liberdade americana.

Diferente do sistema moderno, a lei bíblica protege a propriedade privada contra outros indivíduos e contra o rei (como no caso de Nabote, que não foi obrigado a vender sua terra a Acabe, em 1 Reis 21), e os fundadores dos Estados Unidos viam os direitos de propriedade como essenciais para a liberdade. A frase da Declaração de Independência, "vida, liberdade e a busca da felicidade", foi inspirada na frase anterior de John Locke, "vida, liberdade e propriedade". Esses direitos

são dados por Deus, não pelo Estado. Se o Estado os concedesse, poderia retirá-los. Mas como são dados por Deus, o Estado não tem o direito de interferir, e quando o faz, se torna uma organização criminosa. Quando o Estado é visto como benfeitor ou salvador, as pessoas estão negando a Deus ao atribuir a ele direitos que são dados por Ele. O resultado disso é um tipo de julgamento, uma prévia do inferno, e não uma salvação.

A Tirania do Povo

Devemos confessar — é essencial admitir — que, junto com todas as aspirações tirânicas do governo, a vontade de um povo cúmplice é fundamental para que a tirania continue. Ditadores, tiranos e tiranias não surgem e sobrevivem por si próprios. Foi o apoio popular que colocou Hitler no poder. Foi a voz do povo que permitiu a José "comprar" o povo e toda a terra para o Faraó. Foi a busca desenfreada por crédito que foi crucial para a Grande Depressão e para a crise econômica atual. E será apenas o mandato popular por uma "salvação" governamental que continuará a alimentar a tirania. Com a nacionalização da Fannie Mae e Freddie Mac, é impossível argumentar que o governo federal não está desempenhando um papel crucial e crescente nos mercados financeiros. 'Chame de socialismo, manipulação, intervenção ou desespero. Chame como quiser, mas não subestime o mandato', diz Todd Harrison, CEO do Minyanville.com. Em outras palavras, essa ação é aplaudida — implorada — pelo público. É um mandato (que significa "comando"). "Nos salve!" "Nos salve!"

Não se junte a esse coro. É a canção da escravidão, o coro das correntes. É o refrão impiedoso da negação de Deus. Espere pela "salvação" vir sob a forma de inflação. Como Fannie e Freddie não estão mais nos livros, suas responsabilidades estão ocultas do público, assim como a inflação² monetária é um imposto oculto sobre o povo. As dívidas terão que ser garantidas ou pagas, e o dinheiro precisará vir de algum lugar. A inflação é uma ferramenta prática para tais gastos: impostos ocultos para dívidas ocultas. Todos nós pagaremos com dólares ou reais desvalorizados e preços mais altos. O Faraó tomará sua porcentagem; mas ele ainda não tem nossas terras nem nossas pessoas. Entenda isso agora, antes que o mandato mude, e lute contra ele quando isso acontecer.

² Inflação é o aumento generalizado e persistente dos preços dos bens e serviços ao longo do tempo, resultando na perda do poder de compra da moeda.

Três

A grande hipocrisia conservadora

Alguns afirmam que os conservadores sofreram uma grande derrota nas eleições de 2008 nos EUA. Discordo veementemente: este país não tem visto um candidato verdadeiramente conservador entre os principais partidos há várias décadas (não, nem mesmo Reagan na prática). O problema é o seguinte: no cerne do conservadorismo há um grande compromisso com os piores inimigos morais: a cobiça e o roubo. Esses pecados permeiam o coração humano e atravessam todas as fronteiras políticas. Se os mandamentos de Deus não freiam sua disseminação nas escolhas humanas (leia-se: votos), então nenhum princípio declarado por um partido político terá muito efeito.

Enfrentando a Verdade

Vamos encarar a verdade: ambos os principais partidos políticos são, por natureza, socialistas. Ambos acreditam na criação de riqueza através do dinheiro fiduciário (criado do nada pelo Federal Reserve) e no controle da grande maioria dessas reservas criadas por decisões governamentais. Mesmo quando a população se opõe à criação de bilhões — como vimos na

primeira tentativa de um resgate de 700 bilhões sob Bush — os partidos, infelizmente, não o fazem. O Senado e a Câmara ignoraram o grande número de ligações e e-mails de oposição veemente ao resgate (posteriormente rebatizado de "resgate"), e o aprovaram mesmo assim. Isso foi uma falha da democracia no seu nível mais fundamental (enquanto isso, Obama elogiava o "poder da democracia" em seu discurso de vitória, depois de ter votado a favor do resgate contra a voz democrática). Ambos os partidos foram cúmplices nesse desastre, e esse foi apenas um de muitos.

Perdendo a Moral Superior

Cristãos conservadores se opõem aos liberais em geral. Fingimos ter a moral superior. Opondo-nos ao aborto, à lobby homossexual, etc. Esta é bem a realidade atual no Brasil. E, ainda assim, os cristãos aceitam, quase sem exceção, esquemas socialistas de redistribuição de riqueza. Aceitamos, e através de nossas práticas e escolhas aprovamos, o princípio de que o dinheiro pode ser retirado de outra pessoa pela força para pagar por uma causa que acreditamos ser boa. O exemplo mais flagrante disso é a educação. Quase todos os cristãos aceitam e defendem a instituição da educação pública financiada pela riqueza de outros. Os cristãos usarão todos os artifícios intelectuais imagináveis para justificar a educação pública. No entanto, o que é a educação governamental senão um esquema de redistribuição de riqueza? Da mesma forma, o que é a Seguridade Social senão um colossal monstro de esquema de redistribuição de riqueza? O que é a autorização de bilhões para processar uma guerra desnecessária senão um esquema de redistribuição de riqueza? Os cristãos lutarão até o fim por essas

coisas como moralmente corretas, e ainda assim, o financiamento dessas coisas está baseado em roubo institucionalizado. Ah, ouça as justificativas e racionalizações contra esse argumento! Mas não há boa resposta. Encare a realidade: a maioria dos cristãos acredita no roubo sob o disfarce de um voto majoritário. Encare a realidade: a maioria dos cristãos (e a maioria dos conservadores em geral) é socialista. Os cristãos e conservadores condenam Obama por querer “distribuir a riqueza”, e, ainda assim, muitos baseiam suas vidas e as vidas de seus filhos no mesmo princípio.

O Ponto de Vista Liberal e o Terreno Moral

E como o socialismo é o padrão aceito entre os dois principais partidos, não são os conservadores, mas sim os liberais e progressistas que detêm a moral superior. Com exceção do aborto e dos direitos gays, os conservadores não podem reivindicar a moral superior nas questões mais amplamente debatidas. Os liberais dizem acreditar em cuidar dos pobres, dos idosos, dos oprimidos, das despesas médicas, cuidado, cuidado e cuidado. É claro que existem muitos problemas práticos na implementação dos programas liberais, mas os detalhes são, em grande parte, irrelevantes para as motivações públicas. Enquanto nosso governo vai imprimir bilhões (ou até trilhões) e distribuir esse dinheiro por aí, por que não enviá-lo aos mais necessitados? Por que não subsidiar a saúde, em vez de canalizar essa fortuna exclusivamente para os maiores bancos (que ajudaram a causar os problemas financeiros no início), grandes empresas internacionais e projetos de destruição e reconstrução estrangeiros (dados a grandes empresas sem licitação pública)?

Por que não? Por que não, me diga, se vamos aceitar o princípio do socialismo, por que não fazer com que o dinheiro fiduciário vá para nossos filhos, nossa saúde e nossos avós, em vez de para banqueiros e bombas? Em vez de para cliques e cartéis? Por que não distribuir o dinheiro igualmente para todos as necessidades comuns em vez de seletivamente? Não há uma boa resposta.

A Aceitação do Status Quo e as Consequências

O fato de que o bem-estar governamental e o socialismo são os termos aceitos do debate, o status quo, os meios aceitos para alcançar o fim, elimina a moral superior para qualquer um que ouse não prometer “cuidado” governamental de alguma forma. Até que nos oponhamos absolutamente ao dinheiro fiduciário e à redistribuição de riqueza, legitimamos o método dos liberais.

Cristãos, vocês perdem sua reivindicação à moral superior quando aceitam a educação pública. Vocês enviam seus filhos para aprender sobre socialismo, com socialistas, com um financiamento socialista. Estão ensinando seus filhos que vocês são socialistas, eles também serão, e o socialismo é moralmente aceitável. Não se queixem quando os liberais pressionarem por um socialismo mais consistente: vocês já se conformaram com isso, praticaram isso e lutaram por isso até agora. O mesmo vale para o cuidado dos idosos, seguros, etc.

Se os próximos dois anos (pelo menos) envolverem uma aprovação em massa da legislação liberal neste país, estaremos justificados em chamar isso de julgamento de Deus que nós mesmos trouxemos sobre nós.

A Decadência de um País

Até que os conservadores desenvolvam uma espinha moral e neguem o direito do tesouro federal de exigir bilhões criados, neguem o princípio de que o governo deve cuidar do povo, neguem que seja aceitável votar com base nos benefícios e serviços que o governo pode fornecer, e, de modo geral, promovam a responsabilidade individual e a prestação de contas, a América declinará. Ela “mudará” para a tirania que mais tememos, mas que trazemos sobre nós mesmos através da nossa própria cobiça e roubo institucionalizados. Isto não está muito longe do Brasil e de sua realidade.

Até que removamos a maldade no coração do sistema, nós, cristãos, podemos pregar o quanto quisermos, mas provaremos que não temos respostas melhores para a cobiça e o roubo do que o mundo secular ao nosso redor. Provaremos que, como os humanistas, confiamos no homem e em seus dispositivos, e acreditamos que a salvação é, no fim das contas, política e feita pelo homem.

Quatro

Cessai da salvação política

Para os que confiam no homem, o homem será sua destruição. Para aqueles que confiam na política, a política será seu julgamento. Há uma frase atribuída ao cínico clássico H. L. Mencken: "Democracia é a teoria de que o povo comum sabe o que quer e merece recebê-lo de forma dura e definitiva". O profeta Isaías fez um aviso ainda mais direto: "Deixai de confiar no homem, cujo fôlego está em suas narinas; pois que valor tem ele?" (Isaías 2:22).

A questão aqui é uma questão de fé: fé no homem contra fé em Deus. Isso teve uma consequência profunda recentemente em nossa "economia", principalmente na grande crise das execuções hipotecárias em massa e no colapso dos bancos de Wall Street, que de forma imprudente compraram títulos lastreados por hipotecas de alto risco. Apenas alguns economistas da escola austríaca, alguns estudiosos da lei bíblica e um congressista (Ron Paul, R-TX) previram uma implosão iminente antes que ela acontecesse no outono de 2008. Eles perceberam a linha de dominós prestes a cair; sabiam que a primeira peça derrubada faria todas as outras caírem. Mas os líderes do governo, os "especialistas" financeiros na TV e as massas que confiam (palavra-chave) neles estavam

"esperançosos" e "confiantes" naquilo que chamavam de "nossa economia."

Em sua coletiva de imprensa em 15 de setembro de 2008, o então Secretário do Tesouro Henry Paulson declarou que "o povo americano pode continuar confiando na solidez e na resiliência do nosso sistema financeiro". A palavra "confiança" vem do latim e significa "com fé". De onde vem essa fé? O que esses líderes e diretores financeiros nos mostraram até agora para merecer essa certeza? Nada.

Eles fazem essas promessas e garantias com base puramente em seus títulos, apesar de seus fracassos passados. "Secretário do Tesouro": então ele deve saber algo sobre como resolver essa crise. No entanto, se ele e todos os seus burocratas e analistas estão tão confiantes em suas habilidades, por que não previram o problema? Paulson, por fim, transfere a culpa, dizendo: "Estou jogando com a mão que me foi dada".

A questão da confiança

Um jornalista aponta: "É tudo sobre confiança, estúpido" (parodiando a famosa frase de James Carville, gerente de campanha de Bill Clinton: "A economia, estúpido"). Ele continua: "As pessoas precisam acreditar que as instituições com as quais lidam (suas 'contrapartes') irão cumprir o esperado". Ele está absolutamente certo, devemos ser capazes de confiar no nosso "Banco & Trust." O que aprendemos até agora, no entanto, é como o sistema é, de fato, desconfiável. Mas o colunista — escolhido ao acaso — oferece uma explicação questionável: "Estamos em uma crise completa porque

investidores e gerentes financeiros — as pessoas que dirigem bancos, bancos de investimentos, fundos de hedge, seguradoras — perderam essa confiança". Essa é uma explicação superficial, e até errada. Não seria mais preciso dizer que os bancos perderam a confiança porque houve uma crise? As pessoas não perdem a fé em algo sem motivo. Existe um gatilho, ou uma série de falhas. No melhor dos cenários, há uma reciprocidade entre confiança e desempenho (ou pelo menos a percepção de desempenho, como gráficos e tabelas aceitos, ou "opiniões de especialistas", ou todos esses fatores combinados). A pergunta que devemos fazer é: o que inicia essa reação em cadeia? Algo muito mais fundamental do que uma perda de confiança amorfa está em jogo. Também não será suficiente culpar as falhas em "ativos tóxicos" vagamente definidos. Existe algo ainda mais fundamental do que a concessão de empréstimos ruins em massa. Acredito que uma combinação de legislação passada e manipulação do Federal Reserve está na base dessa questão. Esta é uma crítica à salvação pela política.

Vamos ser sinceros. Quando a maioria dos eleitores ouve políticos falarem sobre "economia", pensa "dinheiro para mim". É por isso que os políticos usam tanto essa palavra. A maioria dos eleitores, a maioria dos brasileiros, não tem princípio em relação ao dinheiro dos outros ou ao dinheiro fiduciário que desvaloriza o dinheiro de todos. Claro, provavelmente — provavelmente — não roubariam diretamente de seus vizinhos, mas não têm absolutamente nenhum problema em pegar esse dinheiro caso um político assine para isso (o que significa, essencialmente, que provavelmente roubariam diretamente de seu vizinho se soubessem que poderiam escapar impunes). Isso é roubo, simples assim. Vivemos e respiramos e disputamos cotoveladas políticas entre uma nação de ladrões, em grande

parte. É um fato da vida que governos, uma vez que ganham poder, nunca o devolvem. É igualmente verdade que as pessoas, uma vez beneficiárias da extorsão governamental, nunca abrirão mão de seus "benefícios", mesmo que isso signifique que outros terão que arcar com o custo do roubo. Essa é a base sobre a qual a maioria das pessoas vota: o candidato que promete mais dinheiro. "Tire mais deles do que eles tiram de mim". Isso é salvação pela política. A crise atual é parte do Dia do Juízo de seu deus falso.

Conclusão

De fato, há uma falta de confiança no sistema; mas sempre houve uma fé mal colocada, que significa uma fé errada, em muitos lugares por muito tempo. Pergunta: onde você acha que nossa fé — a fé de milhões de eleitores — foi mais mal colocada? Sem dúvida, na política, o que significa, sem dúvida, em homem. H. L. Mencken, mais uma vez, fornece um cínico apto: "A vida mais triste é a do aspirante político sob a democracia. Seu fracasso é ignominioso e seu sucesso é vergonhoso". Esses são os líderes que atualmente quase adoramos.

Isaías advertiu o povo de Deus há 2750 anos para "deixar de confiar no homem". As habilidades autoproclamadas do homem são tão frágeis quanto o fôlego em suas narinas. No entanto, fingimos que vivemos e morremos politicamente pelas palavras que saem de sua boca. Isso é tolice. Deus nos deu governo e leis para proteger nossa pessoa e nossa propriedade das maquinações e desejos uns dos outros e de nossos líderes. Não vemos o governo dessa maneira bíblica. Ao invés disso, nos

enganamos com fé em líderes políticos e nos iludimos com promessas de prosperidade fiduciária. Isso, de fato, é tolice. É uma confiança mal colocada no homem, e nos levará a uma prestação de contas antes que retornemos a algo parecido com solidez e resiliência. Esse processo de prestação de contas começou há anos, e continua hoje, como veremos...

Cinco

As tábuas que caminhamos para nossa ruína

Não é exagero dizer que muitos países não são mais o que costumavam ser, inclusive os EUA. Muitos patriotas desses países certamente se identificam com esse sentimento. O que precisamos enfatizar, entretanto, é a necessidade de lembrar como e de que formas mudaram. O caminho que seguiram e onde chegaram exige reflexão. Neste capítulo ficarei mais concentrado nos EUA.

Antigamente, cristãos e conservadores nos EUA se definiam politicamente por se oporem à grande ameaça do Comunismo. No Brasil também houve oposição ao regime comunista antes do regime militar. Hoje, mal ouvimos falar disso. A ideia de que o Comunismo foi uma ameaça real não muito tempo atrás, mas quase esquecida hoje, é um exemplo clássico da memória curta do público americano. Mas o público brasileiro tem estado atento como nunca acerca da ameaça comunista que ainda assombra o Brasil e já está em andamento de implantação. Mencionar o Marxismo em uma conversa hoje nos EUA você provavelmente ouvirá um silêncio absoluto. Ninguém se importa: é história. O muro caiu, ganhamos, e seguimos em

frente. Assim pensam muitos jornalistas brasileiros e até agentes do governo.

Mas voltando a realidade dos EUA, sim, o muro de Berlim caiu, mas caiu a nosso favor. Ninguém fala sobre isso. A União Soviética caiu, mas o Marxismo e o Socialismo inundaram tanto a Civilização Ocidental quanto a Oriental. Os Estados Unidos não são exceção. O Marxismo é história, sim, mas as influências do Marxismo e de várias ideias socialistas nunca foram tão perigosas quanto agora, quando estão prontas para se expandir ainda mais para todos os cargos de governo, enquanto permanecemos alheios a isso.

Então, deixem-me expor brevemente meus problemas com os EUA como ele se tornou. Primeiro, nos orgulhamos de uma economia de mercado livre e da propriedade privada, mas essas ideias têm sido fantasmas enquanto existe o imposto sobre a propriedade, que não é nada mais do que aluguel pago ao governo. Se você duvida disso, tente ficar um ou dois anos sem pagar o imposto sobre a propriedade, e logo aprenderá quem é o seu senhorio. Você será multado, preso, ou "sua" propriedade terá um penhor contra ela, ou será confiscada. Não possuímos nada, senão um aluguel do governo. Defendemos uma economia de mercado livre, mas isso é ridículo à luz dos eventos recentes. Se o Federal Reserve pode "imprimir" dinheiro à vontade, e o Tesouro dos EUA pode comprar participações em ações de bancos, então o mercado não é livre de manipulação ou intervenção do Estado.

Em segundo lugar, temos um imposto de renda progressivo (ou "graduado"). Para aqueles que podem não saber, "graduado" significa que aqueles que ganham mais dinheiro devem não

apenas pagar mais impostos baseados em uma porcentagem igual, mas também arcar com o fardo adicional de uma porcentagem maior. A riqueza maior é taxada desproporcionalmente, o que penaliza e desencoraja o sucesso financeiro. O sistema graduado é injusto, arbitrário e antibíblico. Os Estados Unidos instituíram o imposto de renda graduado pela Décima Sexta Emenda em 1913. Desde então, ele foi aumentado - de forma desproporcional - várias vezes.

Em terceiro lugar, temos leis anti-família fortes, incluindo o imposto sobre heranças. Em outras palavras, quando você morre e deixa bens para seus filhos ou outros beneficiários, o governo fica com uma parte que varia de 18% a 55% do valor. Isso nega a sacralidade da família como uma unidade e os direitos das famílias de determinar o uso de sua própria riqueza. Também é uma dupla tributação sobre a propriedade, uma tentativa descarada de penalizar a riqueza. Isso enfraquece a força das famílias bem-sucedidas, já que prejudica a capacidade dos pais de avançar no futuro de seus filhos. Portanto, é um ataque à estrutura tradicional da família e à liderança na sociedade de forma geral.

Em quarto lugar, quase imediatamente após a imposição do imposto de renda em 1913, surgiu o menos conhecido Imposto da Inflação de 1913, que veio na forma do Federal Reserve. O primeiro banco central dos EUA foi proposto por Alexander Hamilton e criado em 1791. Foi fechado vinte anos depois, e continuou de forma intermitente devido à massiva oposição até que sua forma oculta se concretizou em lei em 1913. Hamilton foi um dos pais fundadores mais radicais em termos de controle da moeda, mas esse poder foi constitucionalmente atribuído ao ramo legislativo. A Lei do Federal Reserve de 1913

essencialmente revogou essa característica constitucional e permitiu que um banco central único regulasse o crédito e a oferta de dinheiro. Com os recentes eventos, a falência de muitos bancos deixou apenas alguns grandes bancos de pé. Essa "crise" e as ações imorais do congresso ao apoiar os vários "resgates" aproximaram o banco central americano de um monopólio exclusivo.

Em quinto lugar, temos muitos e gigantescos programas governamentais subsidiados. São transferências de riqueza baseadas em fatores que não o mercado. Há muitos para citar aqui, mas os subsídios agrícolas vêm à mente: os agricultores recebem pagamentos de várias formas para manipular os preços das colheitas. O etanol foi subsidiado com uma quantia de \$10 bilhões. Isso desvia o milho de outros mercados para um propósito condenado no mercado livre (o etanol jamais prosperaria em um mercado livre); não apenas o público é atingido com os \$10 bilhões, mas também sofre com o aumento do preço da carne e outros produtos que dependem do milho, cujos preços são manipulados. Esses bilhões são uma parte ínfima da equação de subsídios governamentais, que entre 1995-2006 somaram cerca de \$180 bilhões.

Em sexto e último lugar, temos a educação pública compulsória regulamentada nos níveis federal, estadual e local. Compulsória, porque mesmo que façamos homeschooling³ ou optemos por escolas privadas para nossos filhos, somos obrigados a pagar impostos para a educação pública. Pública, porque os impostos são usados para financiar escolas administradas pelo governo. Essa educação financiada com

³ Homeschooling é a educação dos filhos em casa, geralmente ministrada pelos pais ou responsáveis.

impostos é apresentada como "gratuita", mas é apenas gratuita para aqueles que não pagam impostos sobre propriedade. O governo gasta cerca de \$700 bilhões por ano apenas na educação pública, para os níveis primário e secundário. O Estado determina o que, quando e como você ensinará seus filhos. Se as pessoas querem participar desse sistema, isso me parece bem, mas não me obriguem a pagar por isso. Isso é um roubo de liberdade. Além disso, quando as escolas funcionam legalmente como "substitutas dos pais", o Estado novamente usurpa o papel da família.

Por que a Preocupação?

A preocupação com esses aspectos específicos dos EUA moderno - e acredite, há muitos outros - é que todos eles são inovações impostas a essa nação em total contraste com a Constituição ou as tradições de seus Pais Fundadores. E mais importante, a fonte histórica desses pontos de discussão: todos eles foram extraídos do Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels. O motivo pelo qual esses pontos são antiamericanos e antibíblicos é que sua origem era anti-tradição e anti-cristã em princípio.

O que eu descrevi acima são aproximadamente sete dos dez "princípios" do Manifesto Comunista. Eu poderia trabalhar para mostrar outros, mas não tenho tempo nem necessidade para isso. Os pontos relevantes são os seguintes (1, 2, 3, 5, 7/9, 10):

1. Abolição da propriedade da terra e aplicação de todos os aluguéis de terras para fins públicos.
2. Um imposto de renda progressivo ou graduado.

3. Abolição de todos os direitos de herança.
4. Centralização do crédito nas mãos do Estado, através de um banco nacional com capital estatal e monopólio exclusivo.
5. Extensão das fábricas e instrumentos de produção pertencentes ao Estado.
6. Combinação da agricultura com as indústrias de manufatura.
7. Educação gratuita para todas as crianças em escolas públicas.

As conexões históricas também são claras. Por exemplo, as origens do imposto de renda graduado nos EUA vêm diretamente do Marxismo. A conexão é direta e inconfundível. O primeiro grupo na história americana a defender o imposto de renda graduado foi o Partido Trabalhista Socialista, uma coleção dedicada de marxistas fundada originalmente como o "Partido dos Trabalhadores da América" na República Popular de Nova Jersey em 1876. Sua plataforma de 1887 declarava abertamente: "Nos esforçamos pela aquisição do poder político". Entre suas muitas "Demandas Sociais" estavam "Imposto de renda progressivo e imposto sobre heranças; mas rendas menores seriam isentas".

O Partido Populista, de curta duração, seguiu em 1892. Sua plataforma denunciava "uma vasta conspiração contra a humanidade" para desmonetizar a prata e monopolizar o ouro nas mãos de poucos, entre outras coisas. O documento contém verbiagem clássica marxista, acusando os "detentores de títulos" de quererem "diminuir o valor do trabalho humano" e "engordar os usurários, falir as empresas e escravizar a indústria". O partido morreu rapidamente, mas teve um impacto duradouro,

grande parte de sua plataforma sendo adotada pelo Partido Democrata na eleição seguinte.

Mudanças Possíveis?

Há uma maneira de interromper, ou até reverter, a tendência ateísta dos últimos 100 anos? Embora isso tudo soe pessimista, eu não escreveria sobre esses temas se não acreditasse que mudanças positivas são possíveis. Começa com a recuperação mental e espiritual dos nossos princípios fundadores de liberdade individual e iniciativa. Precisamos decidir em nossos corações e mentes que esses princípios são dignos de defesa. E, ao contrário de nossos deputados e senadores, nunca devemos comprometer nossos princípios. O governo começa pela gente.

Uma vez que esses princípios sejam assegurados, devemos passá-los para a próxima geração. Isso significa manter uma visão bíblica forte da família e da educação. A educação deve ser obrigatória (no sentido que Deuteronômio e Efésios nos mandam educar nossos filhos), mas isso é obrigatório diante de Deus, e não do Estado civil; e a educação deve ser custosa (em tempo pessoal, dinheiro e esforço), mas ninguém jamais deve ser forçado a pagar pela educação de outra pessoa. Este imposto aparentemente simples para a educação pública viola quase todos os limites sagrados conhecidos pelo homem, especialmente quando o conteúdo dessa educação começa e termina com blasfêmia. A menos que recuperemos a educação como um mandado distintamente orientado pela família e pela Igreja, continuaremos a ver a sociedade escorregar para o secularismo.

Outros passos incluem esforços contínuos para garantir debates públicos em igrejas e fóruns públicos. Os debates devem se concentrar na história cristã e na necessidade do Cristianismo como a base da ordem social. Marx conscientemente apagou essa base, afirmando que era apenas uma abstração dos problemas reais da humanidade. Ele disse que quaisquer objeções ao seu sistema de uma perspectiva religiosa “não merecem uma exame sério”. Mas ele estava excessivamente oposto ao Cristianismo para que sua rejeição tivesse algum fundamento. A liberdade cristã, os direitos dados por Deus, e a família e propriedade protegidas pela lei representavam a maior ameaça ao seu projeto de tomada marxista do mundo.

Talvez o aspecto mais lamentável do sucesso de Marx tenha sido o fato de ele ter alcançado esse sucesso justamente porque os cristãos se recusaram a se envolver desde o início. Marx sempre teve isso em mente e soube explorar essa situação. Durante o Congresso Socialista de Haia de 1872, Marx fez o seguinte comentário, infelizmente verdadeiro:

“Um dia, o trabalhador terá que assumir a supremacia política para estabelecer a nova organização do trabalho; ele terá que derrubar a política antiga que sustenta as velhas instituições, se quiser escapar do destino dos primeiros cristãos, que, negligenciando e desprezando a política, nunca viram seu reino na terra”.

Essa "negligência e desprezo" pela política por parte dos cristãos continuou ao longo da história americana moderna e em outros países, e todos acabaram seguindo o programa anticristão de Marx, abandonando o da Bíblia. Esse seguimento cego envolveu muitos cristãos. A reversão dessa tendência exigirá que essas questões sejam trazidas à tona como questões de

cosmovisão. A Igreja deve permitir e incentivar discussões políticas e econômicas, e o público precisa saber que temos as respostas. A transformação não ocorrerá da noite para o dia, mas ela pode acontecer. O sucesso é possível.

Seis

Sucesso social: Quem tem o programa?

No último capítulo, falei sobre os princípios do Comunismo conforme se manifestaram nos EUA e em outros países. Preciso admitir que, em alguns casos, essa manifestação ainda não é total, mas o simples fato de já ter começado a se manifestar é algo que deve nos preocupar. Agora, gostaria de começar revelando o motivo surpreendente pelo qual o Marxismo teve sucesso, e a cultura cristã que o permitiu. Ofereço essa análise na esperança de esclarecer as razões pelas quais o humanismo avança, e para destacar a necessidade de um programa social centrado na Bíblia.

Por que o Marxismo teve tanto sucesso? Compreende-se a razão de forma simples se lermos o Manifesto Comunista. Fica claro, a partir dessa leitura, que Marx reagia principalmente contra dois fatores. O primeiro é óbvio para todos: as condições horríveis dos trabalhadores nas fábricas da época. Marx, mesmo que nunca tenha trabalhado em uma fábrica ou tido um emprego formal, soube aproveitar a percepção pública da maldade das condições opressivas nas fábricas. Ele tinha a habilidade retórica – como certos políticos modernos – de agitar sentimentos de ressentimento e pedir por “mudança”. No clima social de Marx, esses sentimentos não precisavam de muito

incentivo, e as condições deploráveis eram um aspecto bem estabelecido da narrativa.

O segundo ponto de reação de Marx – e isso é mais implícito do que explícito – é a ala conservadora do racionalismo iluminista, representada pelos escritores conservadores da época. Isso fica claro nas interações de Marx no Manifesto com as respostas típicas dos conservadores da época. Ele abordou pelo menos quatro questões nas quais antecipava uma reação alarmada: a abolição da propriedade, a abolição da família, a socialização da educação e o compartilhamento comunitário das mulheres. Em cada uma dessas questões, Marx estava pronto para contra-atacar e expor a hipocrisia da ideologia vigente.

Sobre a propriedade, Marx argumentava que o sistema atual impedia que 90% da população adquirisse propriedade privada. Assim, ele acreditava que, na prática, a propriedade já havia sido abolida para a maioria das pessoas. Sobre a família, Marx criticava a exploração das crianças pelos pais que as utilizavam no trabalho infantil nas fábricas. Ele também argumentava que a mesma força da indústria negava a educação a muitas crianças, pois eram forçadas a trabalhar. Diante dessa prática comum, Marx denunciava como "balelas" os discursos sobre a "relação sagrada entre pais e filhos", já que "pela ação da indústria moderna, todos os laços familiares entre os proletários são destruídos, e seus filhos se transformam em simples mercadorias e instrumentos de trabalho". Da mesma forma, na questão radical do “comunismo das mulheres”, Marx argumentava que isso já existia na forma de prostituição, exploração das esposas e filhas da classe trabalhadora e adultério entre as mulheres. Mesmo que todos os argumentos de Marx possam ser questionados, o fio condutor é a hipocrisia. Exceto pela questão

da propriedade (que pode ser entendida de forma mais complexa), Marx estava absolutamente certo sobre a hipocrisia dos que defendiam a sociedade contemporânea com argumentos conservadores. Não havia defesa convincente do status quo.

Essas questões políticas eram, na verdade, questões morais e, portanto, questões de lei religiosa. Onde estava a Igreja? Onde estavam os pregadores? A sociedade estava moralmente falida, e as instituições de confiança que deveriam provocar mudanças não o faziam. Embora seu sistema fosse explicitamente ateu, o humanismo de Marx acabou ocupando o lugar da lei religiosa por default.

A verdade é que as igrejas e os pregadores denunciavam a imoralidade, mas não ofereciam uma alternativa prática. A mensagem da Igreja precisaria de mais estudo e explicação do que eu posso apresentar aqui, mas é difícil encontrar sistemas de leis sociais da época baseados em uma perspectiva bíblica. Pelo que se pode perceber, havia poucos escritores cristãos oferecendo uma alternativa clara, certamente não uma alternativa distintamente bíblica. As respostas da Igreja apenas ecoavam as respostas comuns dos dois partidos, ambos baseados em algum tipo de racionalismo humanista ou caíam no ritualismo antigo. Algumas partes da Igreja estavam, de fato, ativas em questões sociais. De fato, os males da nova tecnologia industrial e das fábricas provocaram incontáveis sermões na época. Certamente havia apelos à caridade e à ajuda aos pobres, e muitas alegações sobre a centralidade da religião, mas qual lei foi invocada? Qual teoria social a apoiava? Havia ativistas cristãos trabalhando em questões sociais. O presbiteriano escocês Thomas Chalmers reformou e revitalizou a educação e a economia em sua paróquia, reduzindo a pobreza e os gastos do

governo com a pobreza por meio da organização eclesiástica. Da mesma forma, William Wilberforce trabalhou para acabar com o tráfico de escravizados. Mas ação sem uma teoria explicando-a facilmente é ignorada ou reinterpretada por grupos opostos – uma técnica em que Marx era especialista.

O grande problema era o seguinte: os conservadores não tinham uma resposta viável e convincente para os males sociais, enquanto os socialistas ao menos apresentaram uma.

Os conservadores geralmente se encontram em desvantagem em relação aos liberais por essa razão: eles geralmente não querem mudanças, e por isso raramente apresentam um programa viável para mudança social. Suas respostas acabam se tornando defensivas e improvisadas. Os socialistas parecem competentes e promissores em comparação, simplesmente porque contam com a mudança, mesmo que essa mudança não seja necessariamente boa a longo prazo. A única mudança que os conservadores parecem oferecer é o retorno ao que era antes, e isso raramente se traduz em passos concretos e práticos – cheira muito a nostalgia. Mas parece evidente para todos que, seja qual for o mal social que nos afeta, ele não desaparecerá fazendo nada ou apenas lamentando que o presente não seja como o passado. Assim, qualquer espécie de “mudança” apresentada soa melhor do que a condição atual. Isso raramente é verdade, mas a retórica da “mudança” é persuasiva. A menos que os cristãos conservadores apresentem uma visão otimista e voltada para o futuro da sociedade, continuarão permitindo que o socialismo e outros sistemas políticos antibíblicos tenham sucesso.

Isso nos deixa novamente com a questão: “O que devemos fazer, então?” É fácil dizer “as igrejas e os cristãos falharam”, “temos que apontar o dedo para nós mesmos”. É fácil dizer, “Precisamos orar”, e devemos orar. Mas acredito que o primeiro passo é retomar nossos filhos: retirá-los de uma série de males educacionais que não precisam ser mencionados aqui. Essa retomada e reforma podem acontecer e estão em meus projetos ministeriais.

Sete

Uma janela para a alma socialista

O socialismo encontrou uma voz marcante e influente na Inglaterra por meio de um grupo de jovens desajustados e intelectuais que se autodenominaram "Fabianos". A Sociedade Fabiana incluiu personalidades notáveis como o fundador George Bernard Shaw, H. G. Wells, Virginia Woolf, Sydney e Beatrice Webb, e até Bertrand Russell, por um tempo. Esses indivíduos foram os principais defensores do socialismo na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Os Fabianos adotaram seu nome de Quintus Fabius Maximus, um general romano famoso por suas táticas de adiamento e ataques estilo guerrilha, projetados para desgastar o inimigo com o tempo. Os socialistas fabianos decidiram trabalhar por um futuro socialista de forma discreta e gradual, sem confrontos diretos ou chamadas à revolução. Por isso, escolheram a tartaruga como símbolo de seu movimento: lento e constante, "Apreste-se, devagar!" Apesar de rejeitarem abertamente revoluções barulhentas ou violentas, os Fabianos adotaram as doutrinas centrais do marxismo, como a inevitabilidade do socialismo no futuro. Isso envolvia a rejeição da doutrina cristã sobre a propriedade privada e a transformação da ordem social em áreas como finanças, educação, política, família, sexo, entre

outras. No entanto, procuraram promover esse projeto sem parecer desafiar o sistema tradicional, tentando avançar o marxismo sem ser identificados como marxistas.

A quantidade de engano envolvida nesse esforço é surpreendente. Dois dos membros fundadores, Sidney e Beatrice Webb, ilustram bem essa abordagem, como lobos disfarçados de ovelhas. Durante uma visita à Rússia soviética em 1932, onde Stalin havia imposto uma guerra contra camponeses ucranianos que se recusavam a coletivizar, o regime bloqueou tudo, levando milhões à morte por fome. Os Webbs atravessaram a Ucrânia, mas negaram ter visto qualquer coisa de anormal. Em 1935, publicaram *Soviet Socialism — A New Civilization?*, onde negaram a ocorrência de qualquer fome. Mais tarde, descobriu-se que oficiais soviéticos haviam escrito grande parte do texto, e que a obra foi em grande parte elaborada pelo governo soviético como propaganda.

A disposição deles de distorcer a realidade em defesa do socialismo se estendeu a todas as suas atividades. Eles adotaram o símbolo de um "lobo em pele de cordeiro", que aparece em uma famosa janela de vitral, criada por G. B. Shaw em 1910. O vitral acabou na casa de Beatrice Webb, foi roubado, recuperado e, por fim, está na London School of Economics. O vitral ilustra a visão de mundo dos socialistas, com temas de subversão e controle gradual.

Embora a maioria dos Fabianos (como Marx e os bolcheviques mais tarde) promovesse o ateísmo ou agnosticismo, não hesitaram em usar a linguagem religiosa ou até mesmo a etiqueta de “Cristão” em suas ações. Disfarçaram seu sistema ateísta sob a aparência de fé cristã, apelando para ideais

de fraternidade e justiça social para atrair o apoio de cristãos. A mensagem do socialismo foi, portanto, cuidadosamente moldada para evitar ofender as crenças religiosas, tentando ganhar o apoio de eleitores cristãos sem confrontá-los diretamente.

O socialismo fabiano, como o marxismo soviético, contava com um forte elemento de messianismo político, oposto ao messianismo religioso, e pretendia substituir o cristianismo por um messianismo humanista. Ambos os movimentos, socialista e comunista, apresentavam um modelo de "cristianismo moderno", distorcendo os conceitos de caridade voluntária e renúncia à propriedade própria para justificar a expropriação de bens de outros, como ilustrado na frase de John Maynard Keynes sobre a "eutanásia do rentista".

A expressão visual desse messianismo socialista é clara na janela de vitral mencionada, onde os fundadores da sociedade fabiana, como Shaw e Webb, aparecem modelando o mundo conforme seus desejos, com o símbolo do lobo em pele de cordeiro acima de uma cena de dominação mundial socialista. A imagem reflete uma visão de "reformatar o mundo conforme o desejo do coração", com os Fabianos sendo retratados como os discípulos de um novo tipo de "religião", dedicados a uma transformação social radical.

Embora o quadro geral seja claro, ele está em total conformidade com a tese deste e-book: o Deus das Sagradas Escrituras e o Socialismo estão em total contraste um com o outro, sendo completamente irreconciliáveis, e devem, necessariamente, travar uma guerra até que um deles seja derrotado. A visão da alma socialista revela uma tentativa de substituição completa do Cristianismo. Em vez da vontade de

Deus, eles seguem o “desejo do coração” próprio. No lugar do domínio sob Deus, temos um domínio dirigido pelo homem, com a reconfiguração do mundo à imagem do homem. Em vez do fogo refinador do Espírito Santo, temos o homem gerando chamas de paixão e ambição. Em vez de discípulos de Cristo, surgem doze apóstolos do socialismo (excluindo Wells), “rezando” e “martelando” — uma paródia da regra de São Bento, ora et labora, “rezar e trabalhar”. Acima de tudo, vemos o objeto central de sua devoção: as palavras de Shaw, Webb e sua Sociedade. Ou seja, em primeiro lugar, substituíram a palavra de Deus pela palavra do homem.

Para intensificar a ofensa, eles declaram abertamente que irão recorrer ao engano e à dissimulação — como lobos em pele de cordeiro — para alcançar seus objetivos. Tentam enganar os cristãos, alimentando-os com sua agenda ateísta em nome do Cristianismo, enquanto negam à fé cristã com a mesma fervorosa intensidade de Marx, Lenin ou Stalin. Como continuidade dessa zombaria disfarçada de acordo, o governo socialista da época sepultou as cinzas dos dois ateus, Beatrice e Sidney Webb, nos terrenos da Abadia de Westminster. Isso não deveria nos surpreender, pois ali haviam enterrado Charles Darwin uma geração antes, graças aos esforços dos agnósticos Francis Galton e Thomas Huxley.

No entanto, enquanto Darwin negava Deus e recorria à seleção natural para a mudança evolutiva, os ateus fabianos criaram um sistema de crenças no qual o homem (eles mesmos, à frente, claro) dirige a mudança evolutiva, incluindo a evolução da humanidade (ou seja, “outros homens”). Esta é uma nova providência — a providência do homem. Esta visão de mundo justifica a redistribuição forçada de riqueza, a erosão da liberdade

pessoal e outras medidas violentas que acompanharam o socialismo ao longo de sua história. Não há salvaguardas contra essa tirania, a não ser pelos ensinamentos bíblicos de propriedade privada e responsabilidade individual.

Deus e o socialismo estão em completa contradição e conflito eterno. Devemos escolher um, e não podemos escolher nenhum dos dois. Sem Deus, a humanidade está condenada ao julgamento humano, incluindo suas invenções políticas que levam ao roubo. Os cristãos devem reconhecer essa antítese e escolher o bem. Em seguida, devemos nos manter firmes e defender a propriedade privada e a liberdade individual que vêm com esse bem. Felizmente, os cristãos têm o Espírito Santo, temos a Palavra de Deus, e contamos com os mandatos e a vontade de Deus ao longo da história para combater o socialismo idólatra e fabricado pelo homem que enfrentamos hoje.

Conclusão

Uma batalha de fundamentos

Tenho aqui três propósitos principais. Primeiramente, expor a clara oposição entre a visão bíblica sobre propriedade, lei e economia, e os sistemas humanistas do socialismo. Qualquer pessoa que deseje seguir os ensinamentos da Bíblia deve optar pelo caminho da liberdade, da propriedade privada e da mínima intervenção do governo. A mesma pessoa deve rejeitar e se opor às tentativas de grupos ou indivíduos que buscam usar o poder do governo para confiscar e redistribuir riqueza, ou controlar as vidas econômicas das outras pessoas. De maneira direta, a visão bíblica defende a liberdade e a responsabilidade, enquanto a visão socialista leva à servidão, escravidão ao governo e dependência do Estado.

Em segundo lugar, este texto demonstra como a Bíblia se aplica a todas as áreas da vida, incluindo questões aparentemente "mundanas", como política, dinheiro, poder, educação, etc. Muitos cristãos abusam do ditado "A Bíblia se aplica a todas as áreas da vida", ao se recusar a abordar assuntos de política, lei e economia. Falam com grande convicção, mas recuam quando os verdadeiros temas surgem. A Bíblia não é apenas um manual de salvação. Sim, fala sobre a salvação, mas o que é a salvação? Limitar a salvação apenas à alma ignora muitas partes da

Escritura que tratam de questões práticas e concretas, como política, propriedade, dinheiro, reprodução, educação, herança, entre outros. Os cristãos que ignoram essas questões prejudicam não apenas a si mesmos, mas também seus filhos, que herdarão uma sociedade em decadência, prejudicando a paz e prosperidade que ela poderia oferecer. O livro de Juízes ensina que o declínio começa quando os cristãos se recusam a aplicar as leis de Deus às questões sociais do dia a dia, e isso deve nos motivar a agir com urgência.

Em terceiro lugar, este texto apresenta um corpo de trabalho de crentes preocupados, que há anos trabalham para restaurar os fundamentos bíblicos das civilizações. Isso não significa que temos alcançado a perfeição, mas sim que as perfeições que tivemos no passado surgiram diretamente da visão bíblica de liberdade, responsabilidade, lei e moralidade. As gerações fundadoras das nações, suas instituições e documentos refletem essa fé de várias maneiras, e a perda dessas virtudes resultou no afastamento da liberdade. A obra de R. J. Rushdoony,⁴ por exemplo, foi pioneira ao retornar à Bíblia para os fundamentos da lei, sendo exposta em sua obra "Institutes of Biblical Law". Ele também explorou o papel humanista da educação pública em "The Messianic Character of American Education" e a importância da fé cristã para qualquer sociedade livre em "Foundations of Social Order". Outros autores, como Gary North, Gary DeMar, Ray Sutton e muitos mais, seguem esse caminho, muitos recuperando ideias perdidas de gerações passadas e outros inovando na exegese bíblica.

⁴ As obras de R. J. Rushdoony e dos autores Gary North, Gary DeMar, Ray Sutton aqui citados, podem ser encontradas no site da www.americanvision.org

A batalha entre Deus e o socialismo é uma luta fundamental sobre a autoridade final. Essa batalha não é apenas uma questão de política, mas uma disputa sobre quem deve governar: Deus ou o homem. O socialismo, em sua essência, é um sistema ateu, como foi observado por Dostoiévski e também por outros revolucionários como Trotsky. Para eles, o socialismo não poderia existir sem o ateísmo, pois a religião negaria tanto o ateísmo quanto o socialismo. Essa visão, no entanto, ignora a verdade bíblica de que Deus governa tanto as questões "terrenas" quanto as "celestiais". O socialismo, ao contrário, oferece apenas propaganda e revoluções sangrentas, em um esforço para substituir o Reino de Deus pelo reino do homem (ou de Satanás). A visão bíblica, por outro lado, oferece uma sociedade em que as mãos dos governantes são limitadas pela lei, permitindo que o povo viva em liberdade.

Este e-book demonstrou que as questões discutidas não desapareceram com a era anterior do socialismo/comunismo contra o mundo livre. Elas não se calaram quando o muro de Berlim caiu. Elas permanecem tão relevantes quanto antes, especialmente com a revitalização da ideologia socialista no governo, incluindo ativistas radicais no congresso, no judiciário, em sindicatos, sindicatos de professores, universidades e diversos cargos em vários países, inclusive no Brasil e na Casa Branca, e nas presidências da República. Os argumentos socialistas ecoam nos Estados Unidos, Brasil e outros países como nunca antes, e os cristãos precisam discernir sua retórica persuasiva, mas enganosa, e se firmar em uma resposta bíblica. As respostas ao socialismo são: "O Rei não é Deus" e "Não Roubarás". Se os cristãos se recusarem a aplicar esses princípios ao governo, à lei e à economia, nos aproximaremos da visão

socialista de sociedade, com mais Marx do que Moisés, mais Trotsky do que Cristo.

Acima de tudo, devemos nos opor à ideia socialista de um banco central que tenha o poder de socializar a oferta monetária. Isso retira poder dos indivíduos e o transfere para políticos e banqueiros que manipulam as massas com promessas de riquezas, benefícios, resgates, etc. Essa medida socializante ultrapassa as divisões partidárias nos EUA e Brasil, já que ambos os principais partidos desses países participam de gastos deficitários para seus projetos preferidos e no caso dos EUA acreditam no sistema da Reserva Federal para "estabilizar" o dinheiro e os bancos. Nenhum dos partidos ousa se opor a essa fonte de poder político. A Bíblia condena a manipulação do valor do dinheiro e, em vez disso, exige pesos e medidas justas. Portanto, a Bíblia condena o núcleo da vida política e econômica da grande maioria do mundo. Deus, como se pode ver, é imparcial nesse debate.

Questões como essa nos trazem de volta à questão essencial em debate aqui. Não se trata de Democratas contra Republicanos, Esquerdistas e de Direita, mas de Deus contra o socialismo, Deus contra o humanismo. Nesse sentido, uma visão cristã da economia política estende as lições aprendidas no Jardim do Éden. Satanás pergunta: "Será que Deus disse?" (Gênesis 3:1). Eva ponderou sobre a questão de Satanás, comparando seus méritos com o mandamento de Deus. Ao fazer isso, ela já havia perdido o debate. Colocou-se acima da palavra de Deus, e, portanto, acima de Deus. Ao apenas questionar a palavra de Deus, o Diabo plantou as sementes da destruição humanista da humanidade. Ao se unir a ele nesse aspecto, Eva selou essa destruição.

A única maneira de reparar essa ruína é através da fé em Jesus Cristo. Esse caminho exige que voltemos à palavra de Deus e reconstruamos nossas vidas, famílias, igrejas, estados e a ordem social com base no caminho revelado por Deus. A escolha entre Deus e o socialismo é a mesma que a escolha entre Deus e Satanás. Uma leva ao paraíso, a outra à ilusão e ao inferno.

Nota final para consultas

1 So thought NY Times opiner David Brooks, who hailed the Obama administration thusly: “This truly will be an administration that looks like America, or at least that slice of America that got double 800s on their SATs. Even more than past administrations, this will be a valedictocracy - rule by those who graduate first in their high school classes” (“Obama’s valedictory,” <http://tiny.cc/bGmp0> [accessed August 27, 2009]).

2 Rousas John Rushdoony, *Re Institutes of Biblical Law* (Phillipsburg, NJ: Presbyterian and Reformed, [1973] 1983), 34–5.

3 <http://www.sss.gov/what.htm> (accessed August 27, 2009).

4 <http://www.sss.gov/FSinternet.htm> (accessed August 27, 2009).

5 “Obama’s remarks on service,” *Wall Street Journal*, July 2, 2008, <http://tiny.cc/JZJAZ> (accessed August 27, 2009).

6 “Barack Obama: Call to Service in Colorado Springs, CO,” 16:44–16:58, http://www.youtube.com/watch?v=Df2p6867_pw (accessed August 27, 2009).

7 J. D. Tuccille, “Obama’s Chief of Staff choice favors compulsory national service,” *examiner.com*, Nov. 6, 2008, <http://tiny.cc/o0PgH> (accessed August 27, 2009).

8 J. D. Tuccille, “Obama’s Chief of Staff choice favors compulsory national service,” *examiner.com*, Nov. 6, 2008, <http://tiny.cc/o0PgH> (accessed August 27, 2009).

9 Quoted in Michael Gallucci, “The ‘GIVE’ Act Calls for Your Kids to be ‘Owned’ by the State,” *lewrockwell.com*, March 25, 2009, <http://www.lewrockwell.com/orig10/gallucci1.html> (accessed August 27, 2009).

10 <http://tiny.cc/tqlEE> (accessed August 27, 2009).

11. <http://tiny.cc/9rpDb> (accessed August 27, 2009).

12 Rushdoony, *Institutes*, 35, 33.

13 Roland de Vaux, *Ancient Israel: Its Life and Institutions*, trans. John McHugh (New York, Toronto, and London: McGraw-Hill Book Co., 1961), 445.

14 Vaux, *Ancient Israel*, 445.

15 Helga Seeden, “A Tophet In Tyre?,” *BERYTUS* 39 (1991); <http://tiny.cc/yFz27> (accessed August 26, 2009). Despite acknowledging that “probable human bone” was found among the urns’ contents, and that some of these fragments “consisted of shaft bone a few millimeters of diameter,” the report naïvely concludes that “their size was not consistent with them being remains of small infants.”

16 Vaux, *Ancient Israel*, 446.

17 J. E. E. D. Acton, "Human Sacrifice," *Essays in Religion, Politics, and Morality: Selected Writings of Lord Acton*, 3 vols. ed. J. Rufus Fears (Indianapolis: Liberty Classics, 1988), 3:413, 415–7.

18 *Re Book of Common Prayer* (Reformed Episcopal Church of North America, Third Edition, 2003) 63.

19 Charles Francis Potter, *Humanism: A New Religion* (New York: Simon and Schuster, 1930), 128. Quoted in David A. Noebel, J.F. Baldwin, and Kevin Bywater, *Clergy in the Classroom: Re Religion of Secular Humanism* (Manitou Springs, CO: Summit Press, 1995), vi. I have taken this from Gary DeMar, "Why Creation and Prophecy Can't Be Separated," <http://tiny.cc/6INjV> (accessed August 27, 2009).

20 Margit von Mises, *My Years with Ludwig von Mises* (Arlington House, 1976), 31.

21 *Historical Review of Pennsylvania, 1759*. Notice, this was written years before the Revolution.

22 <http://tiny.cc/lqkau>. The original article seems to be taken down already. It does survive in other places on the web.

23 Thank you to Michelle Malkin for boldly arguing this, too; <http://tiny.cc/HWONx>, accessed November 5, 2008.

24 <http://www.whitehouse.gov/news/releases/2008/09/20080915-8.html>, accessed Sept. 23, 2008.

25 Robert J. Samuelson, "The Great Confidence Game," 20 Sept. 2008, <http://www.newsweek.com/id/160098>; accessed Sept. 23, 2008.

26 A couple good articles to read are "The Real Culprits In This Meltdown," *Investor's Business Daily*, 15 Sept. 2008; and Thomas DiLorenzo, "The Government-Created Subprime Mortgage Meltdown," *LewRockwell.com* 7 Sept. 2007.

27 <http://www.law.cornell.edu/uscode/12/2901.html>; accessed Sept. 23, 2008.

28 <http://mises.org/story/2963> (accessed August 31, 2009).

29 "Subprime: Let the finger-pointing begin!" *Fortune*, 9 July 2007; accessed Sept. 23, 2008.

30 See Michael S. Rozeff, "The Subprime Crisis and Government Failure," *LewRockwell.com*, 21 April 2008; accessed Sept. 23, 2008.

31 Martin Crutsinger and Charles Babington, "Paulson urges quick action on \$700 billion bailout," *AP*, 21 Sept. 2008; accessed Sept. 23, 2008; Glenn Somerville, "Paulson urges Congress not to slow bailout bill," *Reuters*, 23 Sept. 2008; accessed Sept. 23, 2008.

32 <http://tiny.cc/Qrb0G>, accessed Sept. 23, 2008.

33 H. L. Mencken, "Note on a Cuff," *A Mencken Chrestomathy* (New York: Vintage Books, 1982), 153.

34 <http://farm.ewg.org/farm/region.php?fips=00000> (accessed August 31, 2009).

35 "The Socialist Labor Party of North America Platform," 1887; <http://www.slp.org/pdf/platforms/plat1887.pdf>, accessed October 16, 2008.

36 "National People's Party Platform"; <http://historymatters.gmu.edu/d/5361>, accessed October 16, 2008.

- 37 Quoted in R. J. Rushdoony, *Re Messianic Character of American Education: Studies in the History of the Philosophy of Education* (Philipsburg, NJ: Prebyterian and Reformed Publishing, 1963), 19.
- 38 Quoted in R. J. Rushdoony, *Re Messianic Character of American Education*, 24.
- 39 R. J. Rushdoony, *Re Messianic Character of American Education*, 27.
- 40 <http://tiny.cc/G1Nhb>.
- 41 Karl Marx and Friedrich Engels, "Manifesto of the Communist Party," *Basic Writings on Politics and Philosophy*, ed. Lewis S. Feuer (Garden City, NY: Anchor Books, 1959), 26.
- 42 Karl Marx, "Capital, Book I," *Karl Marx and Friedrich Engels On Religion* (New York: Schocken Books, 1964), 136.
- 43 Karl Marx, "On the Hague Congress," *Karl Marx, Frederick Engels: Collected Works*, 50 vol. (New York: International Publishers, 1988), 23:255.
- 44 Karl Marx and Friedrich Engels, "Manifesto of the Communist Party," *Basic Writings on Politics and Philosophy*, ed. Lewis S. Feuer (Garden City, NY: Anchor Books, 1959), 25.
- 45 Robert A. Nisbet, *Re Sociological Tradition* (New Brunswick, NJ: Transaction Publishers, 1993 [1966]), 29–30.
- 46 <http://tiny.cc/cTwzA> (accessed August 31, 2009).
- 47 Thomas Sowell, *Economic Facts and Fallacies* (New York: Basic Books, 2008), 4.
- 48 Quoted in Sowell, *Economic Facts and Fallacies*, 4.
- 49 Sowell, *Economic Facts and Fallacies*, 4.
- 50 Dean Russell, "Socialism Works in Sweden," *Clichés of Socialism* (Irving-on-Hudson, NY: The Foundation for Economic Education, Inc., [1962] 1970), 258.
- 51 <http://www.geocities.com/surreycolin/> (accessed August 31, 2009).
- 52 Jeanne Rudbeck, "When worlds collide: Apartment shopping in Sweden and beyond," *Re Local*, Jan. 2, 2009, <http://www.geocities.com/surreycolin/> (accessed August 31, 2009).
- 53 "Who gives you the right to queue-jump?" *Svenska Dagbladet*, Aug. 31, 2009, trans. Google.com and <http://lexin.nada.kth.se/cgi-bin/swe-eng>; http://www.svd.se/opinion/synpunkt/artikel_176534.svd (accessed Aug. 31, 2009).
- 54 <http://tiny.cc/bSLwM> (accessed August 31, 2009).
- 55 <http://tiny.cc/bgDwM> (accessed August 31, 2009).
- 56 <http://tiny.cc/U1kuX> (accessed August 31, 2009).
- 57 <http://tiny.cc/u2Pz3> (accessed August 31, 2009).
- 58 <http://tiny.cc/qCq52> (accessed August 31, 2009).
- 59 Rose L. Martin, *Fabian Freeway: Re High Road to Socialism in the U.S.A., 1884–1966* (Chicago: Heritage Foundation, 1966), 1–7.
- 60 Wendy McElroy, "A Webb of Lies," *Re Free Market*, 18/2 (Feb. 2000): http://mises.org/freemarket_detail.aspx?control=286 (accessed September 15, 2009); (Rose L. Martin, *Fabian Freeway*, 29.
- 61 Rose L. Martin, *Fabian Freeway*, 29–30.
- 62 Rose L. Martin, *Fabian Freeway*, 54.
- 63 Rose L. Martin, *Fabian Freeway*, 55, 57.

64 Rose L. Martin, *Fabian Freeway*, 55.

65 Rose L. Martin, *Fabian Freeway*, 30.

66 Quoted in Frederick Copleston, *A History of Philosophy*, 11 vols. (New York and London: Continuum Books, [1986] 2003), 10:158.

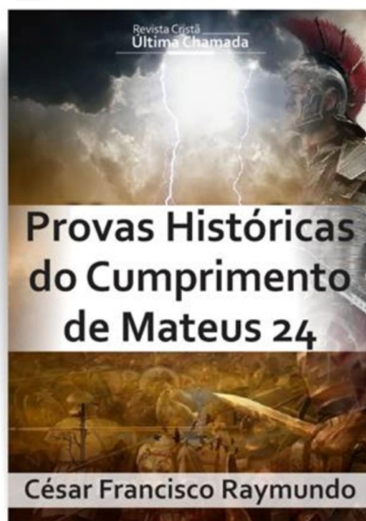
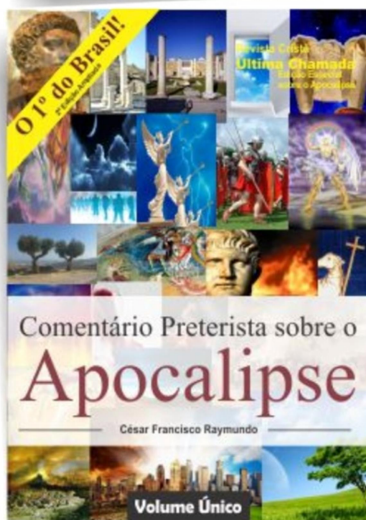
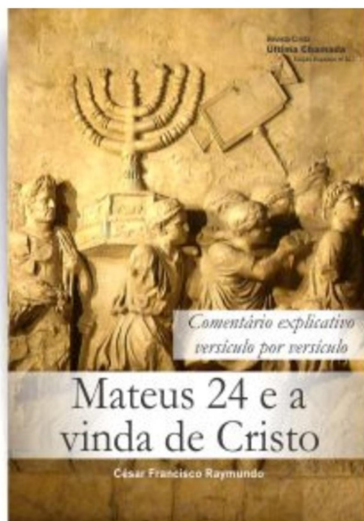
67 Copleston, *A History of Philosophy*, 10:158.

68 Leon Trotsky, *Re Position of the Republic and the Tasks of the Young Workers*, Report to the 5th All-Russian Congress of the Russian Communist League of Youth 1922; <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1922/youth/youth.htm> (accessed September 14, 2009).

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrsta.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus não tivesse nascido de mulher?